

Stadium

N.º 23 // 12 de Maio de 1943



Azevedo defende com a sua habitual
segurança — e com três «encarnados»
prontos para a luta: Teixeira, que o
carrega, Julinho e Manuel da Costa...

(foto Nunes d'Almeida)

HÁ provas que nunca deveriam ficar sem efeito, pela repercussão que podem ter na formação de novos atletas — as provas reservadas à gente moça. Foi por isso que recebemos com pesar a comunicação de que a Associação de Futebol de Lisboa não organiza, este ano, o campeonato de «juniores».

Nos termos do respectivo comunicado, a resolução da A. F. L. baseia-se em dois pontos — adiantado da época e número insuficiente de inscrições. Isto quer dizer que, entre as causas da falta de organização de uma prova de larga projecção no futuro do futebol, figura o próprio desinteresse da alguns clubes.

Não devia ser assim. Mas é...

FORTUNATO ANJOS, uma das pessoas que mais directamente trabalham na parte gráfica da «Stadium», é um distinto artista plástico. Pintor de bons recursos de técnica e visão artística, não deixou de concorrer ao «Salon» da Primavera. Tem, nas salas da Sociedade de Belas Artes, três excelentes quadros — «Retrato de Armando Ribeiro Cardoso», «Natureza Morta» e «Serra da Estréla» — Gouveia.

O ilustre artista mereceu, este ano, a atenção do Estado, para o qual foi adquirido um dos seus quadros.

A Fortunato Anjos, efusivos parabéns pela distinção que mereceu.

O dr. Ramada Curto, ilustre advogado e distinto escritor e dramaturgo, que já publicou um excelente artigo na «Stadium», tem pelo desporto uma afeição que não hesita em afirmar publicamente. Num artigo de «magazine», analisando com a sua vivacidade habitual o que é a mocidade de hoje, fez, recentemente, uma clara e brilhante apologia do desporto, dêle dizendo que deve prender a atenção da gente moça.

Entre as idéias expostas pelo dr. Ramada Curto, merece destaque a defesa das piscinas, principalmente como instalações apropriadas para ensinar a nadar.

ENTRÉ a colaboração gráfica dos últimos números da «Stadium» entendemos de nosso dever destacar, pelo seu valor artístico, a série de fotografias dos «vãos à Codona», pelos atletas do Lisboa Ginnásio, no sarau levado a efeito, pelo florescente clube, no Coliseu dos Recreios.

As fotografias são de Manuel Nunes de Almeida. Constituem um belo triunfo para o nosso dedicado e valioso colaborador. São do melhor que se tem feito em fotografia desportiva, passe o termo. Temos muito prazer em felicitar publicamente este nosso dedicado amigo, por tal motivo. Nunes de Almeida é um grande artista — em plena forma.

NÃO é de mais insistir na afirmação de que o último encontro de futebol entre o Sporting e o Belenenses constituiu, em mais de um aspecto, uma grande jornada do popular desporto. Foi um espectáculo magnífico. Muito público, o campo guarnecido em toda a volta — e uma pugna digna de final de campeonato. Vivacidade, energia — e correcção!

O campeonato de Portugal teve agora uma boa série de excelente propaganda.

LUGAR A QUEM TRABALHA!

OS espectáculos desportivos têm já hoje muito público — e especialmente o futebol, sobretudo quando se trata de desafios importantes. Claro que as instalações — mesmo as dos melhores clubes — são por vezes exíguas para acomodar os entusiastas do desporto-rei, que se contam por alguns milhares, sempre que se defrontam clubes de nomeada em desafios com influência decisiva nas classificações das diversas provas. O «caso» Benfica-Sporting-Belenenses é significativo como padrão. Mas não é só no futebol que isso sucede! Também no «basket» e no «hockey» em patins — duas modalidades desportivas muito em voga. E, claro está, noutras especialidades menos favorecidas pelo público — mas ao qual não se dão instalações capazes... Os clubes, na maioria dos casos, não têm cuidado convenientemente dêste problema, que é de ordem geral. Não têm cuidado — nem podem, talvez, cuidar...

Mas a «questão» que vimos tratar aqui não interessa ao público, embora êle, para ser bem informado, necessite de quem possa vêr bem os acontecimentos a relatar. E é êste, realmente, o «caso»! É hábito vêrem-se nos camarotes, ou outros locais reservados à Imprensa, muitas pessoas que de jornalistas só têm (quando têm!) um cartão de livre trânsito... Sempre que há jogo de futebol importante aparecem caras desconhecidas, individuos que os profissionais da Imprensa às vezes nunca viram ou conhecem sequer por tradição!

Quem vai para trabalhar — falamos por experiência, pois até num «match» internacional tivemos de rabiscar as nossas notas com um desses cavalheiros empoleirados em nós! — precisa de «espaço vital» (passe o termo tão corriqueiro), tem absoluta necessidade de liberdade de movimentos e de vêr bem. Se assim não fôr, o trabalho não pode ser perfeito — porque os mínimos pormenores têm de ser atentamente recolhidos pelo jornalista digno do nome e da profissão.

Não serve de nada pedir, porque êsses senhores — a quem a gentileza de amigos serviu com um cartão da Imprensa — esquecem-se sempre de que estão em lugar que não é dêles, mas sim de quem vai ali para trabalhar.

! Não haveria possibilidade de obviar ao inconveniente?! Talvez com um pouco de boa-vontade dos clubes. Talvez, até, por seu quê de consideração por quem trabalha! Alvitra-se que aos jornais diários e de desporto sejam reservados lugares — com indicação dos respectivos jornais, em letra bem legível, para que não haja confusões! — lugares êsses que sómente seriam ocupados pelos seus proprietários legítimos.

A «Stadium» não quer bradar no deserto! Pelo contrário. E por isso o nosso grito de justiça: — lugar aos que trabalham!

ANO XI — LISBOA, 12 DE MAIO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 23

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.D.A

REDACÇÃO E ADMINISTR.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ADOLFO MOURÃO requinta de forma à medida que se aproxima da sua despedida — como jogador. No desafio contra o Belenenses teve toques e jogadas de grande relêvo — em serenidade, oportunidade e pericia. Brilhou — e fez brilhar.

É pena que o jogador insista em abandonar o futebol de competição. Adolfo Mourão parece estar agora na plenitude dos seus recursos de atleta — e artista.

TEM sido comentada largamente a eliminação dos clubes de Lisboa na fase final do campeonato nacional da II Divisão. É curioso o facto e pode em grande parte ter resultado das contingências do sorteio de adversários e campo, visto que o Barreirense teve a «chance» de jogar em casa contra o Estoril Praia e contra o Atlético, sucessivamente.

Esta eliminação prova também o valor do Barreirense. Perdeu o campeonato do distrito, mas tem brilhado no campeonato de Portugal. Continua a ser uma boa equipa de provincia.

OS jornais do Porto estão-se referindo à desagregação de vários clubes locais, por causa de transferência de jogadores para o sul do país. É lamentável que os grandes clubes não se importem com a formação da gente nova, de preferência a ir buscá-la a outras colectividades, pagando-a algumas vezes por bom preço... Mas a fragmentação de outras equipas tem ainda o perigo de anular o valor dos possíveis adversários.

E a verdade é que os torneios só despertam entusiasmo no público quando há equilíbrio na luta desportiva entre êles.

TEM sido sempre útil a propaganda desportiva por meio da rádio. É, pois, nosso dever auxiliá-la. Dentro desta ordem de idéias, está a «Stadium» colaborando com o posto amador «Voz de Lisboa» na realização de uma série de palestras de propaganda.

Coube a Avelar Machado, nosso presado chefe de redacção, abrir a série: e fê-lo com brilhantismo. Falou de esgrima com o entusiasmo e conhecimento que lhe são habituais. Na emissão de ontem deve ter falado o nosso colega de redacção Fernando Sá, sobre campismo, e na próxima dissertará Jorge Monteiro, acerca de desportos pobres.

As palestras de propaganda estão marcadas para as 3.^{as} feiras, às 20 horas, e devem ser feitas por todos os redactores e colaboradores da «Stadium», e ainda por outras individualidades de vulto no meio desportivo, que para êsse efeito vão ser convidadas.

NAS últimas semanas são numerosos os campos de desporto inaugurados em todo o país. É um bom sintoma — de propaganda e expansão.

PARECE ter entrado em bom caminho a natação portuense. Ao cabo de umas épocas singulares, a Associação regional, sob o impulso da Federação de Natação, mostra-se disposta a cuidar melhor da sua organização interna. Para sexta-feira estava marcada a assembleia dos clubes, convocada e a presidir pela própria Federação, devendo realizar-se nesse mesmo dia a posse dos novos corpos gerentes.

O sr. Joaquim Augusto Câmara Manuel preside aos destinos do Lusitano desde Janeiro de 1938. Tem sido dos mais esforçados directores do antigo clube eborense. O Lusitano deve-lhe grande parte da obra de ressurgimento que está produzindo, agora, os melhores efeitos. Não foge nunca a canseiras. E não tentou por isso fugir à maçada de nos dizer o que foi, o que é e o que pretende ser o Lusitano. Registamos seguidamente o que nos disse. Mas apresentamos, entretanto, os nossos agradecimentos pela forma como nos atendeu.

A fundação do Lusitano, com o primitivo título de Lusitano Futebol Clube, data de 11 de Novembro de 1911. Foram atribuídos os primeiros anos. E, na fase inicial, dedicou-se apenas ao futebol. Há, na história do Lusitano, um ano que marca um período de reorganização: 1925. Até essa altura, praticaram-se outras modalidades desportivas, como, por exemplo, o «box», sob a direcção de José do Peso Benchimol, presentemente capitão do exército, em África. Em 1925, Benchimol, Alberto da Conceição, Napoleão Palma, António Prazeres e outros sócios de grande relêvo, lembraram-se de dar melhores alicerces e maior amplitude à obra do clube. Pensou-se, por isso, noutros desportos e na ginástica. E o título passou para Lusitano Gimnásio Clube.

Sede, ginásio e um campo de jogos

Em 1926, mudou-se o Lusitano para a sede actual. O prédio pertence à Associação do «Dinheiro dos Pobres». Era o antigo Convento do Paraíso. A Câmara Municipal de Évora cedeu-o ao «Dinheiro dos Pobres» para instalação de uma cozinha económica. Não pôde, porém, construí-la. E a casa quasi se limitava às paredes mestras. Pelo contrato de arrendamento, comprometa-se o Lusitano a concluir a construção. Gastou algumas dezenas de contos, que deduziu no pagamento de rendas. Fêz um edificio, a bem dizer; mas não é seu...

Na nova sede instalou-se o ginásio.

O Lusitano tem campo de jo-

CLUBES DA PROVÍNCIA

Lusitano Gimnásio de Évora

Da sua fundação a um novo período de franca actividade

gos, adquirido em 1931. É propriedade sua. Conserva, ainda, a designação de Campo Estrela, pela qual é conhecido. A actual direcção tenciona dar-lhe o nome de um dos sócios que mais contribuiu para a sua compra. Este campo compreende rectângulo para futebol e campo de «basket». Está, no entanto, principiada uma pista de atletismo e ciclismo, à volta do terreno de futebol. Tem bancadas, é amplo e foi melhorado recentemente, em parte, graças ao subsídio concedido como indemnização dos prejuizos causados pelo ciclone de 1941.

O passado

É brilhante, em futebol. O seu período áureo está compreendido entre 1930 e 1934. O Lusitano ganhou muitas vezes o campeonato distrital e representou sempre o distrito de Évora no antigo campeonato de Portugal, quando era outra a estrutura da prova. Na época de 1930-31 chegou aos quartos de final, depois de ter batido o Salgueiros, ao tempo com uma boa equipa.

Em Janeiro de 1930 jogou com o União Lisboa, no festival da inauguração do campo de Santo Amaro. Em 6 de Novembro de 1932 ganhou ao popular Sport Lisboa e Benfica, em Évora, por 4-1. Na desforra, em Lisboa, no campo das Amoreiras, em 1 de Dezembro immediato, impôs um empate de 2-2.

Pelo Lusitano têm passado figuras de elevado destaque no desporto nacional, como, por exemplo, o Marquês do Funchal, cavaleiro distinto, e Augusto Cabeça Ramos, antigo «recordman» do salto à vara. Henrique Pires representou o Lusitano na «I Volta a Portugal» em bicicleta, completando-a. Há ainda outros nomes a fixar: José e António

Afonso e Joaquim Bento Ferro, em ciclismo; e Cândido Tavares, Ricardo Oliveira, Alexandre de Brito, Serrano II, Fernando Valério e Noia, em futebol.

O Lusitano foi condecorado, em 1935, com o Grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo. E as insígnias respectivas foram en-



— Camar Manuel, presidente do L. G. C.

tregues em público, na Praça do Geraldo, pelo sr. General Carmona, venerando Chefe do Estado.

! [O presente

Há, presentemente, três secções em plena actividade — futebol, «basket» e «ping-pong».

A reserva de futebol ganhou o respectivo campeonato regional. A primeira categoria triunfou na «Taça Preparação» e só por azar perdeu o campeonato regional. Na sua série do Campeonato Nacional da II Divisão, ficou em segundo lugar, mas também com pouca sorte, visto que o Estremoz, vencedor do torneio, beneficiou de pontos obtidos sem esforço e sem perigo, após a interdição do campo do União Sport, de Montemor-o-Novo.

Em «basket», tem o Lusitano adversário de respeito no Clube de Futebol «Os Azuis». Em «ping-pong», ganhou os campeonatos de 1.^{as} e 4.^{as} categorias, no ano corrente.

Uma crise que passa

O Lusitano atravessou um período de crise, que deve ter começado há cerca de 8 anos. Em 1938 tinha dívidas num total de 78 contos. O débito está agora reduzido a pouco mais de metade. A má situação financeira reflectiu-se no campo desportivo. E a saída de Cândido Tavares para os Açores, como militar, agravou ainda a situação desportiva. Cândido Tavares tem sido dedicadíssimo ao Lusitano, como atleta, treinador de futebol e professor de ginástica.

Foi difícil o ressurgimento, mas

BIBLIOGRAFIA

“Estudo e acção”

Edição de «M. P.»

LONGE de se circunscrever apenas ao aspecto desportivo, a actividade da «M. P.» abrange todos os sectores, uma vez que do seu labor resulte benefício para os seus filiados.

A formação de carácter e mentalidade nova — eis o que também deligiam os seus dirigentes.

Disso é eloquente prova o volume que neste momento temos na nossa frente: «Estudo e Acção».

Trata-se de uma série de palestras proferidas ao microfone do Emissor Regional dos Açores, por iniciativa da Direcção dos Serviços de Educação Física e Desportos da «Mocidade Portuguesa», as quais são precedidas de uma «Mensagem à M. P.» do Comissário Nacional, professor dr. Marcelo Caetano, que em dada altura escreve: «Estudo e acção — eis o lema. Acção pela ginástica, pelo campismo, pelo desporto. Acção moral para aperfeiçoar a consciência e temperar o carácter. Acção social para serviço do próximo e proveito da Nação».

Treze palestras constituem o volume. Através da sua leitura podemos apreciar a elevação de pensamento de quem as proferiu — nomes ilustres do exército e do professorado, figuras de destaque dentro da «M. P.».

«Estudo e Acção» é, assim, um livro que fica.

Os conceitos que nele se exprimem terão sempre oportunidade.

Por isso, a «M. P.» fêz bem em retinir em volume as palestras proferidas no Emissor dos Açores — palestras para serem lidas e para serem meditadas.

A. T.

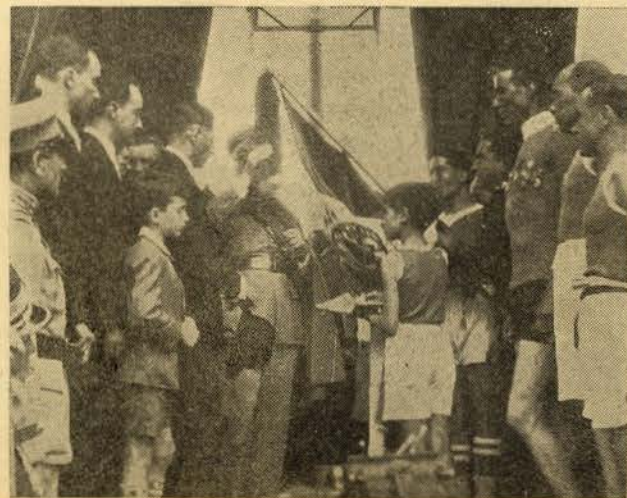
Atletismo no «Cif»

Efectua-se no sábado, às 15 horas, e no domingo, depois das 9 horas, o torneio de atletismo que o Clube Internacional de Futebol promove entre os seus associados e integrado nos Jogos Desportivos do «Cif».

pode considerar-se vencida a crise. O futuro é encarado com confiança. De momento há, até, uma comissão que está promovendo a realização de desafios, no campo do Lusitano, com algumas das melhores equipas portuguesas. Vieram já o Barreirense e a reserva do Benfica. Seguir-se-ão as reservas do Sporting e do Belenenses e a categoria de honra do Estoril Praia e do Vitória de Setubal.

Uma das preocupações que se mantem no Lusitano, desde 1938, é a de que o clube marque mais o seu valôr pelo desportivismo com que joga, que pelo próprio resultado da luta. É um lema que fica bem como legenda, para o fecho desta crónica.

MÁRIO DE OLIVEIRA



O sr. general Carmona condecora a bandeira do Lusitano

Escola de Educação Moral e Física Infantil do CAMPO DE OURIQUE.



A criança tem de ser formada através da vida e acompanhada de cuidados e vigilância. Por isso a ginástica pode e deve ser o grande passo para encaminhar o adolescente.

Mas há ainda quem pense que a ginástica é uma simples brincadeira... Tremendo engano! Porque a educação física é elemento primordial na vida de qualquer pessoa. E a ginástica subordina-se, quando praticada convenientemente, a um método. Cria aptidões e disciplina, tornando o indivíduo apto e forte. Das suas condições morfológicas e fisiológicas depende, sempre, o aperfeiçoamento — que mais tarde faz o atleta completo.

E é dentro desses princípios que a Escola de Educação Moral e Física do Clube Atlético de Campo de Ourique tem procurado cumprir a sua tarefa!

! Mas, afinal, o que é e para que serve a organização da colectividade ouriquense?! O que é?! Uma realidade positiva, uma criação única no género! Para que serve?! Que o digam aqueles que por lá têm passado — mais de um milhar em cerca de sete anos... — e que hoje são indivíduos fisicamente aptos para a vida, alguns deles e algumas delas atletas do clube de Campo de Ourique.

A Escola foi criada em 24 de Abril de 1936. E até agora tem funcionado, sempre, sem a mais ligeira interrupção... O seu presidente crónico, o sr. João Carlos Vieira Antunes — foi, é, e continuará decerto a ser, o seu mais fervoroso animador! E com ele o sr. tenente Guilherme Pires Monteiro, professor desde o primeiro dia...

! Mas como nasceu a ideia da criação da Escola de Educação Moral e Física Infantil?!

É isso que vamos contar:

— No ano de 1932 «Os Sports» lançou a campanha dos cursos infantis de ginástica, criando-se vários em colectividades de características bañistas. E o C. A. Campo de Ourique foi uma das agremiações que coadjuvou a iniciativa.

Até 1935 os cursos funcionaram sob a égide dos autores da campanha. E a partir de 1936 têm continuado, apenas a expensas do clube! Quere dizer: — foi uma «idéia» que não morreu e tem sido bem aproveitada — o melhor possível.

Dos seus resultados e benefícios falam eloquentemente a acção do clube no campo desportivo e a alegria com que os antigos «miúdos» se referem

constituintes pequenas Mas orlou outra actividade, face?! de, nada foi assim que plou: primordiais; hoje de uma obra grande vulto, tinua e prosse

(Continua na

à sua Escola!... Isso foi o orgulho dos dirigentes... a satisfação dos os dirigidos... a nova iniciativa os encargos à colectividade! Como fazer-lhes Quando há vontade é impossível! E «aquilo» principio com dificuldade social de que conquistará.

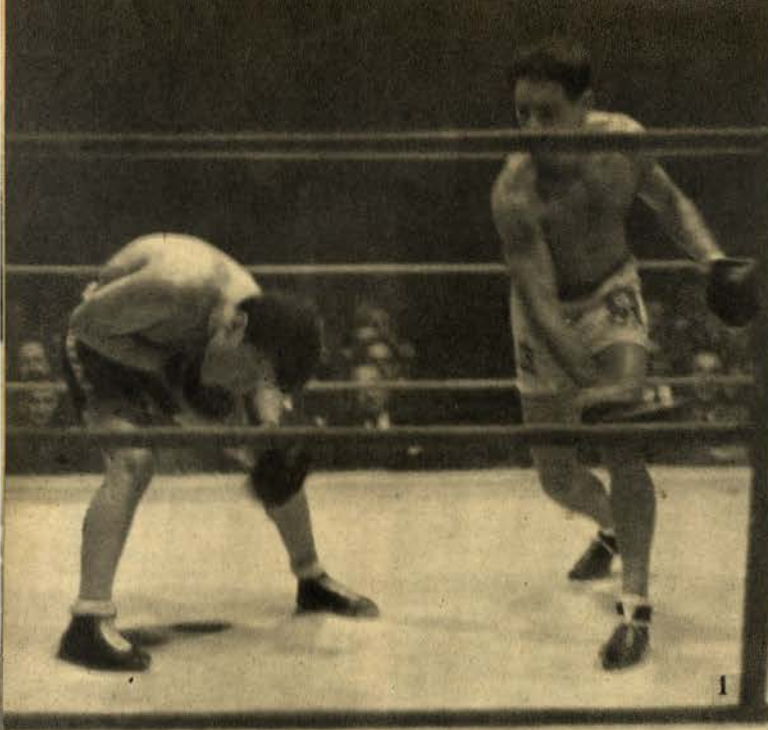
pág. 11)



"BOXING" NO COLÍSEU
BENI LEVI *reparou...*
...e nós K-O o italiano **TONI CESARI**

Beni Levi, o famoso «boxeur» moçambicano, que ostenta, com inteira justiça e por direito próprio, o título de campeão nacional dos pesos-médios, é um ídolo do público. Mas as multidões, sempre volúveis e caprichosas, tão depressa constroem como derrubam! Não é este o caso de Levi, um atleta que se prestigiou! Mas pode vir a ser... E dizemos isto porque o público já não admira que Beni defronte um adversário «forte» — compreenda-se o termo! — e que o embarrace; exige o triunfo rápido, sem contestação; de contrário — quando lhe opõem resistência — irrita-se e quer que Levi sacabe depressa com o homem que tenha diante de si! Claro que nem sempre pode ser assim. Ora sucede, em regra, que os músculos cedem ao esforço e o pugilista — mais que qualquer outro atleta — fatiga-se cedo. Há «canos» especiais — como os de Marcel Thil, Georges Carpentier, Jack Dempsey, Eugène Criqui, Bob Fitzsimons, Max Schmelling, Indio Ara — mas esses eram «boxeurs» de fibra, atletas de rija tempera... E o nosso Levi não pode, evidentemente, ser comparado a nenhum desses campeões! Que sucederá quando Beni defrontar um adversário rijo e forte, um verdadeiro campeão, que não só lhe resista como o derrote?! Quere-nos parecer que a primeira derrota de Levi vai ser uma coisa séria... E' que as multidões, como as mulheres, só aplaudem e admiram aquéles — e Levi não pode vencer sempre, que o público queira... Mas, claro, diogações em nada diminuem o lístico do nosso campeão, que

(Continua na página 10)



ASPECTOS DA SESSÃO
 1 e 2 — Toni Cesari, ainda «fresco», demonstra como se esquivava. Note-se as posições de Levi, procurando «descobrir» o adversário; 3 — Por aqui se vê como lutaram Silva e Matos; 4 — Um «swing» direito de Figueiredo — que Sória acusa nitidamente; 5 e 6 — Levi agradece, com expressão de fadiga, depois de haver «despachado» o italiano...





O Benfica voltou ao primeiro lugar...

... mas tem um jogo difícil em Coimbra

O desafio mais importante de domingo passado teve como desfecho a vitória do Benfica, por 2-1. E o clube mais popular de Lisboa voltou ao primeiro lugar da prova. Foram estas as notas dominantes do dia.

Foi um espectáculo de grande beleza como festa de desporto; e um triunfo que não pode ser contestado em face do jogo desenvolvido. Comparados os valores entre si, antes das equipas descerem ao terreno da luta, podiam dividir-se os prognósticos. Após o encontro entre os velhos rivais, que são agora bons vizinhos, não devem dividir-se as opiniões... O resultado pode considerar-se certo, embora as bolas marcadas não correspondam bem à marcha do jogo.

Merece a classificação de excelente jornada de propaganda para o desporto o novo Benfica-Sporting desta época. Muita gente, a maior enchente da temporada. O campo cheio, com a nota garrida de alguns vestidos encarnados entre a multidão. Luta emocionante, máscula, áspere, sem deixar de ser correcta. E o público vibrante das finais. Os «leões» tiveram grande ovação, quando entraram no campo, no seu antigo campo. Mas os jogadores do Sport Lisboa receberam aplausos em ritmo de apoteose. E voltaram a ser largamente aplaudidos quando a luta findou.

O domingo de campeonato caracterizou-se pela regularidade dos resultados apurados. Venceram, de um modo geral, as equipas mais fortes, as que jogaram perante o seu público. Deve, no entanto, destacar-se o triunfo conquistado pela Associação Académica, sobre o Futebol Clube do Porto, mais pelo «score» feito (5-2) que propriamente pela vitória em si. Este resultado faz aumentar a expectativa para o jogo Académica-Benfica, no parque de Santa Cruz, no próximo domingo.

Ficou como segue a lista da classificação geral:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Benfica...	17	14	—	3	70-35	28
Sporting...	17	13	1	3	59-30	27
Belenenses...	17	13	—	4	73-30	26
Unidos...	17	8	2	7	66-46	18
Olimpico...	17	8	2	7	44-45	18
Académica...	17	6	2	9	51-56	14
Vitória...	17	6	2	9	46-70	14
Porto...	17	4	4	9	34-54	12
Unidos (Bar.)...	17	5	1	11	43-70	11
Leixões...	17	—	2	15	19-76	2

Candeia que vai à frente...

O resultado do encontro Benfica-Sporting pode considerar-se certo, mas os pontos não vieram na altura própria—eis a síntese do jogo, quanto a números. Ao intervalo o Benfica tinha 2-1, tal qual como no fim. Mas os «leões» não mereciam perder, nesse momento. Tinham jogado melhor em conjunto. Mais segurança no trio defensivo — e a linha média em grande plano. Os três médios mandavam, no terreno. É certo que os avançados não obedeceram... Mas nem por isso os médios deixaram de fazer sentir a sua presença — contra a equipa adversária. Se o quinteto dianteiro ajudasse melhor o labor esforçado do trio intermediário, outra podia ser a marcha do marcador.

Assim, os encarnados mantiveram a vantagem do entusiasmo com que se lançaram na luta, à procura de «goals», com evidente propósito de merecer a vitória que tinham em vista. Aos 5 minutos estava feito o primeiro

ponto, após troca de passes rápidos entre Julinho e Pires. Este ponto foi bem a candeia que vai à frente e que por isso alumia duas vezes...

Quando o Sporting marcou a sua bola, aos 30 minutos, em remate de Mourão, não passou do empate. E isso facilitou a reacção dos encarnados, no final de tempo. A segunda bola do Benfica foi, de certo modo, inesperada. Uma variação brusca de jogo, em que Manuel Costa se escapou à vigilância de Nogueira, deu ensejo a que o extremo direito dos encarnados rematasse a contar.

Táticas — e jogo...

O Sporting fez, neste tempo, excelente jogo de marcação. Barrosa dificultou os movimentos de Valadas. Cardoso foi sombra negra de Julinho. Nogueira e Lourenço anularam, quase completamente, o esforço de Manuel Costa e Pires, respectivamente, na disputa do jogo. Pires, então, mostrou-se praticamente inútil, neste pormenor de jogo, não fugindo à marcação — pela fuga oportuna. Manuel Marques não chegou para anular a tenacidade de Teixeira. Estas notas dão a ideia de como o Sporting se preocupou com a defesa, num jogo em que devia procurar o ataque com insistência. A ideia de que o empate bastava para ganhar, não foi suficiente para isso...

A sua linha avançada esteve marcada apenas pela rapidez dos adversários na disputa da bola, e careceu, sempre, de boa coadjuvação dos interiores. Brilhou sem dúvida — mas à vista da incerteza do Benfica no sector esquerdo da sua defesa. Com Francisco Ferreira a cobrir o terreno de Albino, houve folga bastante para Mourão descer com facilidade. E Cesar, voluntarioso, não acertou nunca o pontapé de alívio do seu campo. Os despachos foram geralmente tortos. E desarmou um adversário com uma rasteira que o árbitro não puniu. Pode, pois, afirmar-se que o

Sporting teve domínio bastante para ganhar — e que os seus avançados não souberam dar expressão a esse domínio, em bolas. Martins teve, no entanto, boas defesas.

Momento de apuro

A sorte do encontro pareceu facilitada logo no princípio da segunda parte, cerca dos seis minutos. Teixeira apontou às rédeas, rasteiro, a um canto. Azevedo lançou-se bem, maguando-se, porém, de encontro à baliza. Levantou-se com custo — e ficou a coxear, caindo por vezes. Teve, por fim, que sair do campo. João Cruz substituiu-o. As equipas e o público julgaram liquidado naquela altura o jogo. O Benfica, que soube lutar, com entusiasmo, pelo tempo adiante, não tirou, porém, partido da vantagem numérica. Azevedo voltou, entre tanto. E a sua presença espicaçou a luta.

Os encarnados apertaram então o ataque e chegaram a período de pressão, mantendo-se neste ritmo de ataque esforçado, até final. A defesa «leonina» teve de se empregar a fundo — e Azevedo brilhou novamente. Martins teve também uma grande defesa. O Sporting desorientou por modo evidente. A toada defensiva manteve-se como característica. Embora precisasse apenas de um «goal», não o procurou como tática de jogo.

Um balanço

A partida teve emoção, mas não chegou a ser brilhante, senão numa ou noutra fase. Foi um jogo difícil — pela importância que tinha na marcha do campeonato. O Benfica acusou essa influência — no entusiasmo com que tentou marcar bolas e forçou para isso o ataque, na segunda parte. O Sporting acusou-a no afã em que procurou defender o empate, ou a sua perspectiva. Analisados os dois grupos, pela forma como jogaram, o Benfica foi «onze» mais combativo, e o Sporting melhor

«onze» em conjunto. Ao Benfica valeu-lhe o ataque, bem empurrado para a frente, especialmente pelo apoio que lhe deu Albino, em passe razo. O Sporting fraquejou no ataque, por falta de interiores em tarde de boa disposição.

A arbitragem de Vieira da Costa, do Porto, não foi das mais felizes. Ao desafio assistiram várias entidades oficiais — Dr. Mário de Figueiredo, Ministro da Educação Nacional, e os srs. Sub-Secretários de Estado da Guerra, Agricultura e Educação Nacional. A Direcção Geral dos Desportos esteve representada pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, capitão António Cardoso e Mário de Carvalho, delegado no Porto.

Um jogo discreto

O Belenenses recebeu, nas Salésias, o Unidos do Barreiro, num jogo discreto, sem preocupações de «scores». Dominou de entrada — e chegou facilmente a 2-0. O andamento caiu depois e o Unidos respondeu com dois «goals». Ao intervalo estavam os grupos empatados.

Na segunda parte, o público exerceu domínio na partida, obrigando os «azuis» a jogar com mais entusiasmo. E o marcador passou para 5-2, com três pontos marcados por um só jogador — Rafael. O Belenenses, acusou, na sua exibição, a substituição de Gomes por Varela Marques.

Novo triunfo académico

A Associação Académica vai reconstruindo a sua equipa. No domingo, apenas lhe faltou Conceição. A exibição feita trouxe-lhe nova vitória. E começou a desenhar-se logo de princípio — a primeira avançada deu-lhe o primeiro «goal» da tarde. Lemos teve um remate devolvido na trave. E Alberto Gomes aproveitou, com oportunidade e brilho, a recarga. Aos nove minutos, estava o resultado em 2-0, com novo ponto de Alberto Gomes.

Não se demorou a reacção desenvolvida pelos campeões portugueses. Pratas, numa fuga aparatosa, e Póvoas, depois, levaram a sua equipa ao empate. Houve a seguir insistência do Porto, ao ataque. Armando estabeleceu o desempate, quase no fim. E Baptista, médio esquerdo do Porto, foi depois expulso por jogo violento.

Com um jogador a menos, ficou feito o resultado. Os números é que variaram, pois a Associação Académica chegou a 5-2.

Vitória pela tangente

O Leixões mostrou-se novamente aguerrido, no seu campo. A vantagem na conclusão do jogo pertenceu-lhe, em grande parte. No primeiro tempo, não houve, porém, bom entendimento entre os cinco avançados. Faltou-lhes, também, rapidez. O Unidos, com melhor conjunto, esbarrou, todavia, na defesa. O seu «goal», o único tento de toda a tarde, resultou de uma grande penalidade. O segundo tempo não apresentou características muito diferentes. O Unidos poupou-se para domingo. E, para o ataque do Leixões, bastou a defesa lisboeta. Ficou, pois, tudo na mesma.

A luta para o quarto lugar

O resultado do primeiro tempo deve ter correspondido à dife-

(Conclue na pág. 11)

Francisco de Almeida CAMIONETES DE ALUGUER

A Central Setubalense

SERVIÇO DE TRANSPORTE DE MERCADORIAS ENTRE LISBOA-SETÚBAL E VICE-VERSA

Sede em Setúbal
Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 17
Telefone 430

Agência em Lisboa
Parceria dos Vapores Lisboenses-Cais do Sodré
Telefone 2 7886

Herzka, treinador do Olhanense

Por mau caminho...

confia-nos as suas impressões

PELA sensível melhoria da posição do Olhanense no campeonato nacional, em relação à que ocupou a época passada, desejámos ouvir o seu treinador, a quem incontestavelmente, bem como à boa vontade de acertar dos rapazes «bruno-negros», se deve tal facto.

Procurámos Desiderio Herzka para dizer alguma coisa aos nossos leitores.

Herzka é húngaro, professor de gymnástica no seu país e lá também membro da Corporação de Treinadores. Em Itália treinou, durante 12 anos, vários dos melhores agrupamentos de Palermo, Trivizo, Bari, etc. De Itália, por sugestão de seu irmão, que por curiosa coincidência é treinador do F. C. Porto, passou a Portugal, e começou a sua carreira no nosso país «trabalhando» o grupo do Lusitânia de Reguengos, que venceu, em 1937, o campeonato da II Divisão. Apreciado este resultado, o Barreirense convidou-o a dirigir os treinos dos juniores, agrupamento que foi considerado em 1938-39 o conjunto «maravilha» e de onde saíram alguns dos elementos que hoje alinham em grupos de 1.ª categoria de Lisboa e Porto, como Rebelo, do Unidos de Lisboa, Jordão, do Benfica, e Eliseu, do Académico do Porto.

Do Barreirense passou, na época seguinte, para o Carcavelinhos, dirigiu classes de cultura física escolar durante dois anos, até que o Olhanense, finda a época de 41-42, o chamou para treinar os seus grupos.

Fomos encontrar Herzka em sua casa — que é, pelas fotografias que encerra, um verdadeiro «arquivo de identificação» de jogadores húngaros e italianos — e pedimos-lhe que dissesse algo da equipa a cujos destinos preside, dos progressos feitos pelos «rapazes» e, ainda, do valor, da «matéria prima» que veio encontrar.

— Vim aqui conviver, em ambiente simpático, com um grupo cheio de boa vontade e disciplina, uma direcção trabalhadora e um clube que se me afigurava merecedor de melhor situação no campeonato. De início, a tarefa foi árdua, visto que tive necessidade de refazer um trabalho, em vez de o começar — o que é sempre mais difícil. Mas primeiro o campeonato do Algarve, e, agora, a posição que o Olhanense ocupa, compensam-me do esforço feito. Estou contente...

— Como aceitaram os jogadores uma direcção técnica a que não estavam habituados?

— Da melhor maneira possível. Já lhe disse: são profundamente disciplinados e rapidamente compreenderam que o interesse do clube estava acima das mesquinhas questões de amor próprio de cada um. Resultado: fizemos o campeonato do Algarve sem um único jogador castigado — e creia que é mais difícil conseguir o que tratando-se do campeonato nacional, por exemplo.

— E dos actuais elementos? Que futuro desportivo antevê?

— O actual grupo dispõe de elementos cheios de qualidades e dos quais muito há a esperar. E note que não se dá isto apenas no grupo de honra: temos também nas reservas — que fizeram o campeonato de II Divisão com óptimos resultados — alguns rapazes em que deposito todas as esperanças.

— Diga-nos ainda, para concluir, o que pensa sobre Abraão e quem lhe parece o melhor jogador do grupo?

— O melhor possível. Tem as



DISIDERIO ERZKA

qualidades que todos lhe reconhecem, pouca idade e um brilhante futuro à sua frente. Estou certo que dentro de pouco tempo deverá ser um dos melhores guarda-redes nacionais. Quanto aos outros, devo dizer-lhe que o valor da nossa equipa reside mais no conjunto do que nos valores individuais. No entanto não é razoável deixar de citar a inteligência de Salvador, a rapidez e bom pontapé de Gomes e Moreira, o espírito combativo de Cabrita e a grande experiência de Baptista, que a pesar de já contar bastantes épocas de jogo ainda é de grande utilidade. Entre os médios temos um veterano, Grazina, que se adaptou perfeitamente à nossa tática e que em

O jogo disputado entre o Sporting e o Unidos despertou o nosso interesse, não só pela influência que o seu resultado viria a ter na classificação, como também por ser o mais equilibrado da jornada. Por esta razão somente a ele nos referiremos, não deixando, porém, em parte, de aplicar-se ao encontro «Os Treze»-Benfica o que acerca daquele a que assistimos vamos dizer — e que se baseia nas expulsões verificadas.

Tornou-se o pão nosso de cada dia o jogo incorrecto e as consequentes expulsões de jogadores verificam-se em quasi todos os desafios. A que atribuir tal estado de coisas?

A Associação castiga em obediência à letra dos regulamentos e a Direcção Geral dos Desportos não só sanciona como ainda agrava essas penalidades. Os ár-

bitros estão de acôrdo com este lema e, escrupulosamente, pretendem evitar os desmandos dos praticantes, cingindo-se a rigorosa disciplina, que só os dignifica. Conclue-se, assim, que é aos jogadores que se deve atribuir o caos em que o handball caiu.

Assacar-lhes, contudo, todas as responsabilidades — é exagero. Não porque a eles não caibam grande parte delas; mas pondo as coisas nos seus devidos termos, convém também recordar que os orientadores dos grupos não desempenham cabalmente a sua missão.

Orientar um grupo de handball — ou de outra qualquer modalidade desportiva — não se resume unicamente a ministrar aos seus componentes os devidos conhecimentos técnicos. É necessário ir até à questão disciplinar. Para bem do handball e dos próprios clubes que o praticam, os chefes de secção, treinadores, ou quem quer que seja, têm o dever de inculcar nos seus dirigidos o culto da disciplina, o respeito pelos adversários e por si próprios. Estas são afinal as bases rudimentares do desporto — que não devem ser atiraçadas sem prejuizo para todos.

— E a classificação? parece-lhe justa, em face do valor do grupo?

— Plenamente. O Olhanense tem sido dos grupos que melhor equilíbrio tem obtido nos resultados. Julgo que o lugar que ocupa o deve, por direito de conquista, ao seu esforço — e não a resultados em que a sorte, deste ou daquele modo, possa ter influido...

— E para o futuro?
Herzka não nos responde. Limita-se a esboçar um sorriso de esperança — que pode também ser de certeza...

F. ESPÍRITO SANTO

SABONETE

"O meu Algarve"

o melhor para a pele

MARCA REGISTRADA de

Farmácia A. F. ALEXANDRE

FARO — Algarve

Sociedade de Adubos Orgânicos

"Alto da Guerra", L. da

E S C R I T Ó R I O S

Avenida 22 de Dezembro, 64

Telefones: 561 e 563

E T Ú B A L

Adubos Orgânicos para todas as culturas, marca

«ALTO GUERRA»

Agentes nas principais regiões agrícolas do País

A missão do cronista não se limita a criticar asperamente (e com que máguia o fazemos!) o que de mau se nota nas práticas desportivas, quando a essa faceta o jornalista se dedica. Cabe-lhe também registar actuações dignas de encómio — e nesse caso se encontra a arbitragem de José Guilherme no já mencionado encontro Sporting-Unidos.

Evidentemente, o elogio deve servir-lhe mais de estímulo do que de recompensa pelo seu trabalho, porque continuar assim deve constituir o melhor prémio da sua aplicação. Frizemos, no entanto, a sua autoridade sobre os jogadores, não permitindo que se excedessem e ordenando a tempo uma expulsão.

Em contraposição, o árbitro que dirigiu o «match» entre as segundas categorias dos mesmos clubes não esteve à altura da sua missão. Desorientou-se em dado momento e o desafio resvalou para o péssimo, em todos os sentidos. Aliada a esta circunstância, notou-se ainda a tal falta de correcção a que atrás nos referimos.

E para findar, um reparo à Comissão de Arbitros: escolher juizes pouco experientes para dirigir desafios de somenos importância, é princípio basililar a que se deve obedecer. Há que atender, porém, com uma partida a contar para o Campeonato de Lisboa, quer seja de segundas ou de primeiras categorias, tem sempre a responsabilidade da classificação e, portanto, alguma importância encerra. Porque não dá a Comissão de Arbitros um período de treino a esses principiantes, nomeando-os para fiscais de linha — «avis rara» no handball... — ou atribuindo-lhes a direcção de jogos particulares?

ALVARO GASPARD



Uma bela fase: Albino e Peyroteo disputam a bola com o maior ardor

Entre multidão entusiasta e vibrante de clubistas que só o "derby" do futebol português tem artes de provocar
O BENFICA venceu o SPORTING por 2-1



Nas Salésias: Uma fase do jogo Belenenses-Unidos do Barreiro

Azevedo consegue antepôr-se a Valadas—Ao fundo vê-se um aspecto da compacta multidão que acorreu a ver o grande jôgo!



O "goal," que deu a vitória do Benfica... e os abraços de satisfação pelo 1.º ponto dos "encarnados."



Dois instantâneos do encontro de Coimbra, no qual os académicos bateram o F. C. do Porto



DEPOIS DA CATÁSTROFE
 O Sporting: — Qual de vocês é que o quer?

BENI LEVI REAPARECEU...

(Conclusão da pág. 5)

a considerar — à parte partidários e amizades — o melhor «boxeur» português da actualidade.

Voltámos a ter «boxing» no Coliseu, por iniciativa da Sala Central dos Desportos.

Festjeou-se o reaparecimento de Levi — e o acontecimento não podia ter tido maior êxito! Falou-se muito (os «café» são uns centros de caveia que onde impera um casal perigosíssimo: D. Boato e D. Mentira!) do italiano Cesari... E tanto se propalou que o rapaz — afinal um bom moço — desmentiu tudo. Nunca Levi encontrou aqui, no continente, adversário tão rude. Toni foi um portento de bravura e de resistência física. Dir-me-hão que não sabe «boxing», ou que não sabe o suficiente para ser figura de primeiro plano, e eu aceito tudo isso como razoável. Mas a verdade é que Cesari — atleta de excelente compleição, um pouco mais baixo e um nadinha mais forte que Eduardo Lopes, um rapaz que resistiu duas vezes 10 «rounds» a Levi... e dizia-se que era um estreaute! — foi de uma bravura admirável, de uma resistência estupenda. É certo que caiu para a «conta» a meio do 8.º «round», mas isso não destrói a impressão que nos causou o seu temperamento de lutador. E como

Levi também é um batalhador, o combate teve interesse, sobretudo sempre que o português, «tocado» pelo italiano, ia à luta com dureza e decisão. Mas o público quis que o italiano caísse — e Beni fez-lhe a vontade. Levou tempo — mas foi...

O resultado não podia ser outro. Toni Cesari não é «boxeur» que normalmente dure mais de quatro ou cinco «rounds» diante de Levi — cujos punhos têm fama aqui e em Espanha. Mas o mundo não se resume somente à península ibérica! O adiamento do «match» tirou possibilidades ao nosso campeão — e como no combate se empregaram luvas de oito onças, compreende-se que Cesari, a-pesar-de valente e rude, tenha durado tanto... A circunstância de, num «corpo-a-corpo», ao terminar do 4.º «round», Levi haver sofrido o rompimento do sobrolho esquerdo, também influiu! No 6.º assalto o italiano teve boas séries ao tronco e à cara, castigando Beni; mas no seguinte — conduzido com dureza e agressividade pelos dois pugilistas — pagou tudo com juros! E no 8.º foi o fim, consequência de vários golpes de Levi, que provocaram massa... Um «crochet» da direita à ponta do queixo derrubou Toni Cesari.

Dois prêmios a assinalar: o italiano não quis sentar-se no intervalo dos «rounds» (exibição de resistência...) e quando caía no «corpo-a-corpo» ia quasi sempre de cabeça baixa, exposto, portanto, ao castigo. Foi bem castigado, realmente, mas pôde resistir durante sete «rounds» e meio! Levi teve uma atitude menos elegante ao principiar o último assalto: não permitiu que Toni se esdrissasse (rápido e decisão, afinal...) batendo-lhe quando ele estava ainda com os braços caídos! Sabemos que pode ser assim — porque as leis determinam que a luta começa desde que sã o «gong». Mas não gostámos — francamente — do gesto de Levi, que tem valor bastante para não tomar tais atitudes. Aqui (diante do «seu» público) a deslealdade não é muito reparada; mas lá fora a situação é diferente! E Beni deve lembrar-se de que não vai estar eternamente entre nós. Nada custa reprimir os ímpetos, mesmo para seu proveito. E, neste caso, Toni Cesari já acusava a dureza dos golpes e estava p'rdicamente batido.

Pêso dos «boxeurs»: Levi 1(66,700); Cesari (68,800). Árbitro: Pierre Charles — que dirigiu bem.

A sessão, no conjunto, foi muito aceitável. Só o combate Mésseguer-Sousa aborreceu um pouco, sobretudo pela péssima «condução» de Walter Pressler. No resto, tudo decorreu bem — e o público que enchia por completo a plateia, a geral e as galerias — apenas alguns camarotes em «branco»... — deve ter saído satisfeito. Em síntese: digam o que disserem, «casa» onde Levi vá combater é casa vendida!

Jorge Larsen (66,700) e o espanhol Pedro Isasti (66,600) abriram a reunião. Luta rude, que terminou ao 6.º «round». No anterior, Isasti sofrera rompimento do sobrolho esquerdo, sangrando abundantemente. Aloísio Falcão quis parar — mas, por ordem do

médico, a luta prosseguiu. Mas um «round» só, porque o espanhol já não estava em condições de continuar: o seu chefe de segundos não lho permitiu, com o que concordámos plenamente.

Para eliminatória do campeonato nacional dos «leves» defrontaram-se António Silva (61,900) e Manuel Matos (61,300). O saber e a experiência de Matos puderam mais que a juventude e a bravura de Silva. Foram 10 «rounds» «sêperos», acabando os dois «boxeurs» fatigados. O melhor combate da noite. Matos, que sangrou desde o 2.º «round», foi muito valente e melhor esgrimista, merecendo a decisão por pontos, que Xavier de Arazujo não hesitou em lhe conceder.

O antigo campeão de Espanha Luis Sória (57,100) venceu muitíssimo bem Domingos Figueiredo (59,600). A decisão não podia ter sido outra! O espanhol é mais conhecedor (um veterano do «ring») mas Figueiredo foi, como sempre, corajoso. Arbitrou o sr. Carlos Alves Lopes.

Augusto Sousa (67,100) — um homem que foi campeão nacional dos «meios-médios», título que Beni Levi lhe arrebatou no Campo Pequeno — derrotou o espanhol Mésseguer (a primeira «vitima» de Levi no continente!) por pontos em 8 «rounds». Combate confuso e feio, mas que Sousa ganhou sem contestação.

JORGE MONTEIRO

Pugilismo de amadores

CONFORME «Stadium» noticiou, a Associação de Pugilismo de Lisboa faz disputar, a partir do dia 18, um torneio para amadores principiantes denominado «Iniciação», cujo regulamento, a-pesar-de interessante e bem elaborado, não podemos publicar por falta de espaço. Em pormenor, dir-se-á, porém, que a prova só podem concorrer pugilistas de clubes filiados na A. P. L., com mais de 18 anos, e que os combates, a disputar nas sedes das colectividades concorrentes, terão a duração de 3 «rounds» de 3 minutos cada, com os desempates necessários ao apuramento do vencedor, sempre que seja preciso qualquer «round» suplementar. Aos finalistas de cada categoria serão atribuídas medalhas apropriadas e o clube que apresente maior número de concorrentes ganha a taça «Propaganda».

«STADIUM» na provincia

ÁGUEDA — O Recreio Desportivo foi jogar futebol a Vouzela, ganhando por 5-0. Os visitantes ficaram muito bem impressionados com o acolhimento recebido, pois os vouzelenses cumularam-se de gentilezas. Assim apetece fazer desporto...

Nesta vila, e antes da sua ida a Vouzela, o Recreio venceu o Lusitano, de S. João da Madeira, por 6-2.

ALBERGUE A-VILHA — O Alta derrotou o Vista Alegre, por 7-0, num encontro de futebol sem interesse.

ALCÁCER DO SAL — Começou a disputar-se o campeonato concelho de futebol. No primeiro domingo, registaram-se os seguintes resultados: Independente-Unidos, 5-0; «Os Barrosinhas»-Saldia, 4-4. No segundo dia do campeonato, o Barrosinhas bateu o Unidos, por 2-0; e o Saldia bateu o Independente, por 3-0.

ALG S — O Sport Lisboa e Algô acaba de organizar as suas equipas de «basket-ball».

ARMAMAR — No campo da Praia disputou-se um desafio de futebol entre o Armamar e o Fontelo, triunfando os locais por 5-0.

Em S. Domingos, o Fontelo venceu o F. C. Toes, por 4-1.

FRONTEIRA — O Atlético Fronteirense deu-lhe-se a vila do Cano, jogando ali com um mixto local e batendo-o por 2-1.

LOUROSA (FEIRA) — Para o campeonato promocional do distrito, jogaram, aqui, os Feirense de Vila da Feira, e o «conce» local. Venceu o grupo local, por 6-1.

MAIA — Em complemento do campeonato de Promoção do Distrito do Pôrto, defrontaram-se os dois clubes desta freguesia: União Nogueirense e Nogueira da Maia. Ganhou o primeiro, por 2-1.

MONTEIRO-O-NOVO — Terminou o torneio de ténis de mesa organizado pelo União Sport. As classificações foram as seguintes: 1.ª categoria — 1.º Heliodoro Marques, 21 pontos; 2.º Felipe Carrasquinho, 20; 3.º João Miguel, 17; 4.º Agostinho Macas, 2.ª categoria — 1.º José Pontes Romeiras, 14; 2.º Valério Salgueiro, 13. Está em preparação um campeonato de bilhar entre os sócios do Circulo Montemorense.

MOSTEIRO (VILA DO CONDE) — Disputou-se um torneio de futebol, entre quatro clubes desta região, com os seguintes resultados: Malta-Guilharen, 3-0; Vilar do Pinheiro-Aroence, 3-0; Malta-Aroence, 1-0. Ficou vencedor o Malta, o qual ganhou uma artística taça.

NAZARÉ — Partiu há dias para a África Ocidental o capitão do «team» de futebol do G. D. «Os Nazarenos», Joaquim Laranjo Júnior.

PALMELA — O Nacional, de Palmela, bateu, em futebol, o Grupo Desportivo da Casa do Povo da Quinta do Anjo, por 3-0. E o Palmelense empatou com o Grupo Desportivo da Casa do Povo de Azeitão, por 2-2.

PENAFIEL — O Sport foi jogar a S. Pedro da Cova, ganhando por 2-1.

SEZIMBRA — O «Azés» bateu o União Sezimbrense, por 4-1. Noutro jogo disputado nesta vila, o Vitória Sezimbrense derrotou o Amora, por 5-2.

TONDELA — Para o Campeonato da Promoção do distrito de Aveiro, a Associação Académica de Tondela, composta por alunos do Colégio Tomás Ribeiro, bateu o Grupo Desportivo «Os Pinguins do Bão», de Santa Comba Dão, por 5-1.

TOMAR — Começaram, com grande animação, a disputar-se os torneios feminino e masculino de ténis de mesa, em que tomam parte representantes do Sporting, União e E. I. Jacome Ratton.

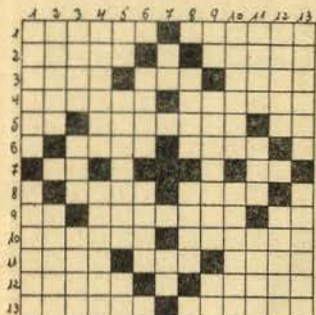
Esteve nesta cidade o antigo nadador Rodrigo Besone Basto, inspector de natação da «Mocidade Portuguesa», que veio avaliar das possibilidades de construção de uma piscina.

No Sporting vão principiar as aulas de ginástica para os dois sexos.



à lareira

PROBLEMA N.º 15



Pôpagoa João Viseu

- HORISONTAIS: — 1 — Abarrotar; Prensa de penteiro (pl.); 2 — Estimar; Desgraça. 3 — Fôe em rumo uma embarcação; Governante; A pa' r'cer. 4 — Demonstrar; Óxido de lítio. 5 — Contração de prep. e art.; O que arma; Letra grega (inz.). 6 — Perfeição; Composição poética (pl.). 7 — Art. m. (pl.); Indivisível. 8 — Espaço; Vexa. 9 — Batráquio aquático; Mobilidade de humores excrementícios; grito de dor. 10 — Que flutua; Residua. 11 — Muito (pl.); Panela; Instrumento de encadernador. 12 — Escudo grande; Freira. 13 — Género de plantas que servem de tipo às araliáceas; Remate (pl.).
- VERTICAIS: — 1 — Rasgar; Crista. 2 — Amualho; Fazer; alamento em. 3 — Ramalho; Ocasão; Vocifera. 4 — Causar travo; Cobertura ornamental. 5 — O mesmo que ora; Manhoso; Nota musical. 6 — Adorne; Campo. 7 — Continuo; Ali. 8 — Tipo das edições aldinas; Doença caracterizada por sufocações intermitentes. 9 — Abrev. (antes de Cristo); Intoxicação aguda pelo iodo; Pedra do molinho. 10 — Aparente; Proceeder. 11 — Dai pios; Transpira; Cantor. 12 — Acêrto; Balela. 13 Curara; Ligares.

Farmácia Higiene

Perfumarias e especialidades farmacêuticas

1, 5, Rua Frei Agostinho da Cruz, 7

7, 8, Praça Dr. Teófilo Braga, 9, 10

SETUBAL

(Conclusão da pág. 4)

(Conclusão da pág. 6)

rença de táticas entre os dois adversários, jogando contra o vento, O Vitória recorreu, de preferência, ao passe razo. E isso deu-lhe três pontos, até o intervalo. O Olhanense, melhor carregando por vezes, não passou de um tento. Os vimaranenses entenderam-se melhor, no conjunto das suas linhas.

A segunda parte representou, para os olhanenses, a jogar no seu campo, a recuperação da diferença obtida até o intervalo. Salvador, interior direito fez 2-3. Gomes, extremo esquerdo, poz o marcador em 3-3. E coube a Salvador salvar o resultado, aos 41 minutos, com o desempate. Os campeões do Algarve jogaram melhor na segunda parte.

O resto da luta pelo quarto lugar fica, pois, para domingo — entre o Olhanense e o Unidos, no campo dos lisbonenses.

MÁRIO DE OLIVEIRA

TORNEIO DA II DIVISÃO

ESTÁ em plena fase de grande interesse o campeonato nacional da II Divisão.

Para domingo estavam marcados os encontros dos quartos de final, os quais forneceram os seguintes resultados:

Sporting de Braga-Leça, 2-0; Sanjoanense-União Coimbra, 1-1; Barreirense-Vitória de Setúbal, 3-2; Lusitano-Luso de Beja, 1-1;

Tal como na jornada anterior registaram-se empates que impediram o apuramento total dos clubes que não-de passar às meias finais.

Os «leões» de Braga aproveitaram, mais uma vez, a circunstância de jogarem no seu campo e perante o seu público para obterem um bom triunfo.

É certo que depois de terem, uma semana antes, eliminado o Académico do Porto, a cotação dos bracarenses subiu e a sua vitória de ontem passou a ser esperada. Mas a verdade é que a carreira dos pupilos de Rui Araujo excedeu à expectativa.

A Sanjoanense, que uma semana antes chamara sobre si as atenções gerais mercê de uma brilhante vitória na Covilhã, não conseguiu agora melhor do que um empate. A sua tarefa é agora mais difícil porque os comibreiros, em sua casa, são sempre adversários de respeito. No segundo encontro é mais de admitir a vitória de Coimbra.

Barreirense e Vitória — dois rivais da A. F. Setúbal — mediram mais uma vez as suas forças. Como que a confirmar que «não há dois sem três» os barreirenses voltaram a jogar no seu terreno — um «handicap» apreciável.

O desafio era considerado o mais importante da «ronda» e parece não ter desmentido as previsões. O resultado pela tangente

Registem-se, para conhecimento dos leitores, os últimos acontecimentos desportivos de maior importância, que foram os seguintes:

«BASKETBALL» — O Unidos mantém-se na situação de «leider» do campeonato de Lisboa, apenas com um ponto de vantagem sobre o Atlético.

«CROSS-COUNTRY» — Alberto Ferreira, do Sporting, conquistou o título de campeão nacional, em «seniores»; na categoria de «juniores» ganhou João da Silva, do Benfica.

«ESGRIMA» — Começaram as provas de selecção para o provável Portugal-França, de espada, às quais oportunamente faremos pormenorizada referência.

FUTEBOL — No jogo de desempate entre o Estoril Praia e o Fôforos, disputado no Lumiar, o último ganhou por 2-1, continuando, assim, na I Divisão da A. F. L.

«HOCKEY» EM CAMPO — Futebol Benfica e Ramalense empataram por 0-0, em Lisboa, na primeira «meia» do II campeonato de Portugal.

«HOCKEY» EM PATINS — Os campeões de Lisboa perderam segundo jogo, desta vez com o Hockey de Sintra, dando assim mais possibilidades ao Paço de Arcos...

REMO — Efectuaram-se provas de apuramento para o Porto-Lisboa, a disputar no sábado e domingo, no Tejo, que servem também de selecção para as equipas que vão de representar Portugal, em Barcelona, no II Torneio Peninsular.

«RUGBY» — O Belenenses ganhou o campeonato de Lisboa.

Joaquim - Ourivesaria - Relojoaria
CASA DAS BENGALAS
RUA DA PRATA 87 A 91
Telef. 30256 LISBOA

LISBOA GIMNÁSIO CLUBE

O Lisboa Gimnásio Clube promove, de 17 a 22 do corrente mês, a sua «Semana Desportiva», que promete revestir-se do brilhantismo que o activo instituto de educação física imprime às suas cuidadas organizações.

deixa adivinhar que as duas equipas se empregaram com denodo. E, bem visto, não é nada deshonroso para os setubalenses.

Por último, a luta entre alentejanos e algarvios. Estes não souberam ou não puderam confirmar o favoritismo que lhes era concedido nem tirar partido de jogar no seu ambiente. Agora, em Beja, a tarefa há-de, certamente, ser mais difícil. E os bejeses, para quem já foram as «honras» da tarde de domingo, viram grandemente aumentadas as possibilidades de ir mais longe.

ZÉ do PEÃO

Não houve hesitações. Era preciso — e fez-se! Saltaram-se todos os obstáculos, continuando os praticantes antigos e os novos a beneficiar progressivamente dos ensinamentos dos seus professores. A 24 de Junho desse mesmo ano de 1936 fez-se a primeira apresentação das classes da nova Escola, com cerca de 200 crianças. Foi um êxito que as raparigas e rapazes ouriqueenses dos 7 aos 14 anos conquistaram para si e para o clube! E já lá vão quasi sete anos.

O Clube Atlético de Campo de Ourique festejou, há pouco, o seu vigésimo aniversário. São vinte anos de lutas em prol da Ideia Desportiva. Muitas organizações têm coroado a sua brilhante e intensa actividade — a maior de todas a da última «Volta a Portugal» em bicicleta, empreendimento de arrôjo, a que outras colectividades mais «capazes» não quiseram meter ombros! Mas a Escola de Educação Moral e Física é o seu melhor padrão de trabalho, o seu maior orgulho.

Nos domínios da cultura física não há semelhante. As crianças em período de formação (dos 7 aos 14 anos) têm encontrado na Escola o seu grande incentivo, o seu melhor auxiliar para as necessidades da vida.

Foi o C. A. Campo de Ourique o segundo organismo desportivo não especializado a pôr a funcionar cursos infantis de ginástica e o primeiro a criar uma escola com as características apresentadas na sua — muito sua! O conselho pedagógico da especialidade montou um pósto biométrico exemplar, com aparelhagem necessária para a vigilância do desenvolvimento físico dos alunos, para a observação médico-biométrica da criança — com a assistência permanente de dois facultativos: os drs. António dos Santos Silva e Domingos dos Santos, dois verdadeiros amigos dos peixes.

No capítulo da educação moral e física, tem sido altamente útil a orientação do tenente Pires Monteiro, professor que sabe ensinar sem exagérios nem fadigas — como sucede desde a fundação da Escola! As aulas dos mais pequeninos (dos 7 aos 9 anos) são dirigidas actualmente pela menina Maria do Rio Carvalho Franco, aluna distinta de Instituto Nacional de Educação Física.

A secção do clube na qual está integrada a escola — que tem vida própria... — é constituída por uma comissão técnica de que fazem

parte os srs. Vieira Antunes, director e presidente, Eduardo Castela e Diamantino Brás. A Escola funciona com uma verba especial, destinada à sua manutenção, a qual é administrada por uma comissão de assistência a que preside, também — sempre ele: «alma» da organização! — o sr. Vieira Antunes, coadjuvado pelos srs. Eduardo Castela, Diamantino Brás, Horácio Correia, Alfredo Pita e Mário Brás.

Diga-se, ainda, que a Escola de Educação Moral e Física tem sido excelente elemento de propagação do C. A. Campo de Ourique. Em 1940 promoveu a I Campanha da Ginástica e o ano passado levou à cena, no Capitólio, a fantasia infantil «O Sonho do Tonecas», uma revistazinha de cerca de 40 miudos, que os grandes apreciavam imenso e onde se revelaram autênticas voçações artisticas.

Para remate: vai criar-se, muito em breve, a secção cultural — que ficará integrada na biblioteca ultimamente inaugurada — com o fim de promover palestras de divulgação científica, acessíveis à criança, instrutivas e moralizadoras.

Querem mais?! É natural que a Escola de Educação Moral e Física do Clube Atlético Campo de Ourique cumpra ainda melhor a sua missão. Mas nem tanto se exigiria de uma simples colectividade de desporto...

JORGE MONTEIRO

RALLYE LISBOA GIMNASIO

A secção de ciclo-turismo do Lisboa Gimnásio Clube, recentemente organizada, está em boas mãos.

Os seus dirigentes, conhecedores profundos da modalidade e da expansão que ela rapidamente alcançou, procuram acompanhar esse desenvolvimento. Eis porque estão empenhados na realização de uma prova denominada «Rallye Lisboa Gimnásio», cujas características serão, na sua essência, iguais ou semelhantes às dos já realizados.

É natural, porém, que alguma novidade possa ser introduzida na orientação da prova, de forma a permitir que o espírito desportivo seja elevado a um mais alto nível, em substituição daquele que visa somente a vitória, deixando para segundo plano o que no ciclo-turismo existe de bom, compensador e agradável.

Sabemos já que a partida e chegada terão lugar em Lisboa e que o regulamento será rigorosamente cumprido, especialmente no que respeita à hora da saída.

O esforço dos activos dirigentes da nável secção do L. G. C. foi devidamente compreendido. É prova disso o número de ofertas de prémios, entre os quais figura a taça «Virginia Campos» destinada ao 1.º lugar da classificação por equipas.

Voltaremos a ocupar-nos desta interessante iniciativa, à qual auguramos um êxito absoluto.

ARTUR S. PEDRO

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Artur S. Pedro, delegado da nossa revista no distrito de Portalegre.

CAFÉ MODERNO
PRAÇA DU BOCAGE — SETÚBAL
Cabine 367 // Telefone Salão 365 — Setúbal

RETIRO DE TODOS OS VICTORIANOS, IMPÔE-SE PELA QUALIDADE DO SEU CAFÉ E PELO SEU ESMERADO SERVIÇO



No torneio de atletismo do Sporting: a chegada dos 60 metros e o vencedor dos saltos em comprimento, Alvaro Dias, que fez 6,33 metros



No campeonato de "cross", a partida dos juniores

No jogo Fósforos-Estoril Praia: arrojada defesa do "keeper" do Fósforos



Um instante curioso: os rapazes do Fósforos recebem os primeiros abraços...



PORTUGAL DESPORTIVO



As festas do 18.º aniversário do Sport Lisboa e Elvas: 1—O grupo do clube festejado; 2—O Lanifícios F. C., de Portalegre, que venceu aquele por 2-1 e conquistou a taça «Joaquim Simões»; 3—Os concorrentes à «Volta Pedestre a Elvas»; 4—Os representantes do Sporting de Elvas na referida «Volta», que formaram a melhor equipa. O n.º 13, Monteiro dos Santos, foi o vencedor individual, seguido de Domingos dos Santos (n.º 12). Em Faro: 5—Na inauguração do novo «rink» de patinagem da Camara Municipal os «teams» do F. Benfica e D. Sintra em saudação

(foto Espirito Santo)



NO PORTO — O Director dos Serviços de Educação Física e Desportos da «Mocidade Portuguesa», sr. Capitão Campos Andrada, visitou a capital do norte, acompanhado do Director do Centro Especializado de Esgrima de Lisboa, sr. tenente Mário de Figueiredo. As gravuras mostram a reunião que se efectuou com os directores dos vários centros e os concorrentes ao torneio de esgrima entre a «M. P.» do Porto e Lisboa e da sala do Sport Club do Porto. Acompanhando os concorrentes vê-se Agostoni, campeão olimpico italiano, que se encontra no Porto



HOMENAGEM do Sport Clube do Porto à Marinha de Guerra Portuguesa

Sob sol aliciente, quente, acariador, os barcos vão deslizando nas águas barentas do Douro, alinhando-se para a parada.

Partem vozes de comando a ordenar aquelas dezenas de embarcações, para que a homenagem tenha brilho, para que resulte tal qual o pensamento de quem a idealizou. Eles aí vão — os «shells», os «out-riggers», os «runners», os «skiffs», as sapatas, — toda essa frota de barcos minúsculos, de guarnições completas.

Os imoneiros ensaiam os andamentos, cadenciando as remadas, para que a parada siga sem grandes intervalos, que destoariam na imponência do significado do desfile.

Sóam os apitos estridentes dos rebuques, chamando os retardários. Já no conveio dos barcos se apinham os convidados — sócios do Sport, jornalistas e senhoras, muitas senhoras.

E a largada faz-se no meio de mais vivo entusiasmo, com aquela alegria que se sente quando se navega pelo rio, gozando a brisa que vem do mar.

Deixa-se a Ribeira para traç e o casario da beira-mar passa aos nossos olhos num panorama curioso, como se assistissemos ao desdobrar de um «film» de actualidades.

Depois a Alfândega, Miragaia, Monchique, com as barcas amarradas aos peões. Um «eléctrico» segue pela margem em direcção à Foz, como que a acompanhar, de terra, a parada fluvial. Avizinha-se Massarelos. Os barcos diminuem a velocidade e os intervalos reduzem-se, a encurtar o alongamento.

La está a «Zaire», representante da nossa gloriosa Marinha de Guerra, em honra da qual se fez este desfile imponente.

Na tóda agrupam-se as entidades oficiais.

Encostam ao navio as primeiras embarcações, com os dirigentes do Sport. Uma pequenita graciosa e gentil, risonha, empunha um ramo de flores, que é entregue ao comandante do barco de guerra. Partem saludações. Os tripulantes vitoriam a marinha. De bordo dos rebocadores, os convidados associam-se à manifestação. Os barquitos desportivos vão passando em fila indiana junto da «Zaire», em continência aos representantes da marinha portuguesa. Há alegria nos rostos e comocão nos espiritos. São assim os portugueses!

Está terminada a homenagem, grande na simplicidade, valiosa no significado e excelente na sua oportunidade.

Os barcos fazem a volta e lá seguem, rio acima, em demanda da prancha, de remos a cortar a água, fazeando ao sol que lhes bate em cheio nas pás.

Cada gota que delas cai é como uma pérola que o rio engole, depois de ter tomado, por um momento, os mais variados cambiantes ao contacto com os raios do sol de Portugal, que começa a descer no doente...

Linda tarde! Linda festa!

M. A.

Stadium na Capital do Norte

UM «VETERANO» EM ACCÇÃO

DEPOIS que Rui Araújo abandonou o Sporting e foi deabalada até à capital do Minho, poucas vezes os jornais voltaram a falar do valoroso médio centro dos «leões» de Lisboa.

Talvez que as consequências do meio em que ora vive tenham concorrido para tal — mais do que o esquecimento do seu nome, consagrado como um dos melhores elementos do Sporting e até como componente do quadro nacional.

O trabalho que Rui Araújo possa ter executado no Sporting de Braga, onde é treinador e jogador, não é conhecido fora do ambiente local.

No entanto, a vitória obtida sobre o conjunto académico do Porto, no campeonato nacional da II Divisão, muito embora pouco expressivo veio chamar sobre ele a atenção dos críticos.

Parece que o ex-leonino fez uma transformação radical no seu actual grupo, pondo no conjunto o «enxerto» de elementos jovens, numa orientação que está dando resultados, segundo afirmam de Braga.

Os progressos acusados pelo

conjunto bracarense são nítidos relativamente à sua actuação no campeonato regional, produto do sistema de jogo empregado e do conjunto que ora possui.

Entretanto, como elementos de ligação com experiência adquirida no contacto com grupos de «cartel», dá-se como provável a presença de um novo médio centro, elemento do ex-União de Lisboa, além de vários outros que irão ser sujeitos à prova, como indicação para a próxima temporada.

Conta Rui Araújo para isso com a colaboração dos directores do Sporting de Braga, que procuram, desta forma, ordenar e organizar a actuação do seu grupo na época de 1943-44.

Assim, o Minho, que já tem o Vitória bem colocado no campeonato nacional da I Divisão — e com prosas dignas de registo — dispõe de um outro agrupamento apto a enfrentar os «melhores», nos torneios máximos.

Temos, desta maneira, uma nova faceta de Rui Araújo, que é ainda, incontestavelmente, um «nome» no meio futebolístico nacional.

DR. CIANETO

CAMPEONATO DE HANDBALL

Prossegue, com notável regularidade dos serviços da A. H. P., o campeonato regional portuense. Actualmente disputam-se os torneios da 1.ª Divisão, de Reserva e da 2.ª Divisão («poule» final), num ritmo de extraordinário interesse. Conclue-se facilmente que a Direcção presidida por Manuel L. Santos está trabalhando com muito acerto.

Na primeira divisão nota-se que o F. C. do Porto já não perde o título, e que o Académico, «desgarrando-se» do Vigorosa — hoje mais consolidado no 2.º posto — veio a ocupar o 4.º lugar, pela notável proeza do Vilanovense, que já subiu a 3.º. Por sua vez o Fontainhas fugiu ao último lugar, em prejuízo do Boavista. O Sport e o Desportivo de Portugal, mantem-se nas posições anteriores.

A 1.ª jornada do torneio final da 2.ª Divisão, ao qual concorreram os dois 1.ºs classificados de cada «série», ofereceu resultados interessantes: os velhos rivais Leça e Leixões empataram; o Salgueiros favorito do jogo, foi derrotado pelo Gaia; e o Candal venceu a Alegria por 1-0 quando o árbitro interrompeu o jogo a 20 minutos do começo.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos o boletim n.º 3, referente a Abril, da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, cujo sumário é o seguinte: «A Heleza no trabalho», «Direcção da F. N. A. T.», «A F. N. A. T. e os prisioneiros da guerra», «Nova delegação», «Os serões para trabalhadores», «Acção desportiva» e «Agenda comemorativa». Também recebemos o boletim n.º 2 da Academia 1.º de Setembro de 1897. Os nossos agradecimentos.

Ainda não foi resolvido o protesto do Académico sobre o seu encontro com o Vilanovense.

Baseado em pura «questão de facto», não deve merecer profunda análise para o seu julgamento, tanto mais que um membro do C. Técnico esteve presente no desafio.

Com vista aos próximos inter-cidades, o Conselho Técnico da associação regional esboça neste momento o plano geral dos grupos representativos da A. H. Porto. Matéria prima não falta...

STUDIO CINEMA

Técnica de DOMINGOS FLORINDO

RETRATOS COLORIDOS
PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS

Rua Antão Girão, 12

SETUBAL

Telefone 54

Notas... sem valor

MAIS calma no ciclismo portuense. Desapareceu a «hipótese» da crise directiva na delegação da União Velocipédica Portuguesa. Um entendimento entre os clubes filiados, acabou com as «hostilidades» no organismo da rua Costa Gabral.

Ficou a orientar o desporto-pedal, dentro da sua jurisdição administrativa, a gerência actual, presidida por João Sampaio, representante do Académico F. Clube.

Coisa aborrecida, imprópria para o desporto portuense, passada no Campo da Constituição, no jogo de «handball» Gaia-Salgueiros. Transformou-se a competição num campo de batalha, sem respeito pelo bom nome da modalidade.

— O árbitro da partida, imponente para conter os «ataques» da assistência, suspendeu o jogo! O Salgueiros, sem contribuir para o «combate», é agora a principal «vítima» deste incidente.

— Contra toda a expectativa, Eli-seu Cavalheiro fez o jogo da «poule», em Braga, com o Sporting Clube. O médio esquerdo do Académico, a conselho de alguém, foi ao Norte para «convenecer»... os dirigentes da sua ex-colectividade.

— A ida de António Nunes para o Benfica, «gelou». O F. C. do Porto está disposto a resolver a «pretensão» do seu médio-centro. Não sai do Norte — diz-nos um categorizado sócio do F. C. do Porto.

— Por outro lado, o Benfica não perdeu de vista a ideia de conseguir a transferência de António Marques, médio-centro do Académico. Nova «démarche» nesta cidade, entre as duas partes «interessadas»...

— O campeonato regional de «hockey» em patins vai começar, muito em breve, com os mesmos clubes da época passada. Uma transferência: Correia de Brito, do Vigorosa, já está noutra equipa, da zona de Costa Cabral.

— O Gaia já entrou com a importância determinada pela Federação Portuguesa de Futebol. Ficou cara a «brincadeira» do campo do Candal!

DR. ALVARENGA

Falta de espaço

Em virtude da falta de espaço com que lutamos — e que é cada vez maior devido à aglomeração de original — somos forçados a retirar alguns artigos e noticiário, do que pedimos desculpa aos nossos estimados leitores e colaboradores.

CAMPISMO

Na sede do Clube Nacional de Campismo efectuou-se a reunião do Conselho Geral para discussão e aprovação do relatório e contas da gerência cessante.

Para os cargos da nova gerência foram eleitos: Presidente do Conselho Geral, dr. José de Freitas Cruz; Secretários, João Bernardino e João de Matos; Conselho Fiscal, presidente Ernesto Wintermantel; Secretários, Manuel Marques e Artur Rodrigues; Presidente do Conselho Directivo, José dos Santos Ferreira.

CONQUISTAR um título de campeão nacional é sempre, em qualquer parte do mundo, uma honra para o atleta que o consegue. Mas obter esse título depois de luta valorosa, porfiada e emotiva, durante a qual pôde demonstrar-se nitida superioridade atlética, certa inteligência e bastante compreensão do que é oportunidade de ataque; quando se tem ainda por adversários homens de comprovado mérito, que fazem tudo para dificultar a vitória, desde a defesa meticulosa e constante até a demonstração de que nunca se está em dificuldade, — método este por vezes de grandes efeitos para «segurar» os companheiros de luta — então o triunfo conquistado é de facto motivo de grande orgulho e serve não só para prestigiar o campeão como para dignificar até aqueles que com ele correram.

Assim se ganha...

João Rebêlo ganhou com absoluto merecimento o campeonato nacional de fundo, corrido no domingo, em dia que começou chuvoso e pouco propício a grandes proezas de ciclismo. Com as suas vitórias nos «100 quilómetros contra relógio» e nos 176 quilómetros da U. V. P., e dois lugares de honra nas restantes provas disputadas este ano, classificações que lhe valeram já o título de campeão distrital, tem sido o estradista mais regular, o que tem demonstrado esta época mais valor e o que possui actualmente forma mais apurada e de melhor rendimento. Deve ter atingido, devido ao treino superiormente orientado por Alfredo Piedade e que lhe se dispôs a seguir agora à risca, a mais afinada «cadência» de toda a sua carreira de corredor de «grande fundo». O que o estradista do G. D. «Illuminante» está a fazer é reflexo das suas raras qualidades de «homem duro», possante e impetuoso — qualidades que ele nem sempre tem querido aproveitar.

Por isso, tal como sucedeu em 1942, com João Lourenço, e em 1941, com Inácio (isto: para não nos reportarmos às vitórias mais distantes de Marquês, Nicolau, Trindade e Longo Luis, também merecidas) o título em 1943 está nas melhores mãos. Assim é não «embriague» o seu possuidor...

... e assim se perde

Se a vitória de Rebêlo foi normal, porque traduziu superioridade, a derrota dos restantes estradistas normal se tornou porque deve tomar-se como reflexo do facto de nenhum deles estar apto, pelo menos no domingo, a dar réplica, com êxito, ao cor-

Salão de Patinagem do Jardim Cinéma

DE hoje em diante começa este magnífico salão a funcionar em duas sessões, das 15 às 19 horas e das 21 às 24 horas, para todas as pessoas que já possuem cartões especiais para adquirirem os bilhetes de admissão às cita das sessões.

O director do Ring, Ex.^{mo} Sr. Mário Mendes Lopes e suas ajudantes, ministram o ensino da patinagem tanto a crianças como a adultos.

CICLISMO

A justificar o seu título de campeão distrital

João Rebêlo

do G. D. «A Iluminante»

ganhou o Campeonato Nacional de Fundo estabelecendo novo «record» da prova

redor «azul-brancos». Senão, vejamos o que todos fizeram:

Lourenço, o campeão destronado e sem dúvida o mais inteligente a correr, nunca largou Rebêlo de vista; sempre que este tentou isolar-se, quer saindo da rectaguarda do pelotão quer arrancando, mesmo em pleno comando de operações encontrou sempre «colado» a sua roda o valoroso sportinguista. Foi uma «marcação» constante, que teve como consequência colocar Rebêlo na ofensiva, e portanto em tática de maior desgaste, o que não obstu, todavia, a que o «Illuminante» se isolasse definitivamente no primeiro e unico momento em que Lourenço «descolou» — na subida de Vila Franca de Rosário, por motivo da sua mudança não funcionar convenientemente.

Foram quinhentos metros de impressionante luta verificada nas rectas da Malveira — Lourenço, a morder os lábios, num esforço para não perder contacto, e Rebêlo a «forçar» para se esgueirar à sua «sombra negra»... É desde que o sportinguista não conseguiu fixar-se na esteira do «Illuminante» — naquela altura qualquer «colagem» de nada lhe servia, pois toda a gente estava já batida — e se viu forçado, ainda, a mudar de máquina, nada mais se poderia esperar do «leão» porque já há muito havia demonstrado sinais de fadiga e de não estar nos seus grandes dias. Se assim não fôsse, João Lourenço, que sabe avaliar e sabe sentir quanto é meritório ser-se campeão, jamais se deixaria ficar, por alturas do Cerrel, na companhia de Rebêlo, Sereno, Aristides e

Martins, a rolar com 1 m. 40 s. de atraso de 5 fugitivos — Faisca, Jacinto, Raposo e José Pereira — à espera, como finalmente sucedeu, que o levassem para a frente das operações.

Portanto, Lourenço fez o que pôde e não saiu diminuído da luta, como também o não saíram todos quantos terminaram a corrida, concluída, é justo salientar, em tempo «record».

Luta cheia de brio

Pela diferença com que o vencedor ganhou — mais 2 minutos, conquistados apenas numa fuga de 30 quilómetros e sendo perseguido por quatro adversários — pode deduzir-se ter havido quebra de combatividade da parte dos atrasados. Nada disto!

Aristides Martins, por exemplo, foi o herói da perseguição e vimo-lo ganhar terreno a principio, enquanto Rebêlo se não refez do esforço do seu esticão seco. Apesar de estar em prova longa para as características, e do final ter percurso «duros» de mais para a sua mecânica ligeira de pedalar — há calçada e muitos buracos na estrada — Aristides desligou-se de Faisca e Inácio e depois aguentou-se muito bem com Raposo, só sendo batido por ele na embalagem final. Quanto ao homem da «Illuminante» — que parece agora mais regrado — embora ressentindo-se do esforço dispendido na fuga mantida antes das Caldas, também não deixou seus créditos por mãos alheias.

Apenas Albuquerque, Bartolomeu, Jacinto e Inácio acusaram em demasia a falta de energias gastas em luta contra o vento de Lisboa às Caldas da Rainha. Cederam, é certo, bastante demais do que seria lícito esperar mas não podemos esquecer que no domingo alguns homens atrasados andaram mais velozmente que os vencedores de 1941 e 1942.

Dois surpresas: a boa corrida feita pelo portuense Manuel Pereira, rapaz que pedala e monta bem, e o desastrado comportamento de José Ferreira, que para chegar ao fim teve de fazer apêlo a toda a sua grande energia.

E assim se disputou o campeonato de 1943, sem nele se classificar o brioso José Martins, que desistiu por ter partido um pedal, numa altura em que o seu carro de apoio estava avariado, — e sem a comparticipação de Eduardo Lopes, que chegou a equipar-se, mas não pôde partir por falta de maior número de «homens de boa vontade»...

Todavia, isto não impediu que a prova se efectuasse, como não obstu a que a U. V. P., o Sporting e o G. D. «A Iluminante» demonstrassem absoluto acôrdo em tudo quanto pudessem contribuir para o brilhantismo da corrida.

Classificações

Campeão nacional — João Rebêlo («Illuminante»), em 6 h., 2 m. e 2 s. — novo «record» da prova; 2.^o — Raposo («Illuminante»); 3.^o — Aristides (Sporting), ambos em 6 h., 4 m. e 23 s.; 4.^o — Inácio (Sporting); 5.^o — Manuel Pereira (Salgueiros); 6.^o — Albuquerque (Sporting), todos em 6 h., 6 m. e 4 s.; 7.^o — Jacinto; 8.^o — Bartolomeu; 9. J. Ferreira.

Lourenço desistiu em Lousa, depois de ter mudado de bicicleta.

Concurso do «Goal da Vitória»

Publica-se hoje o último boletim do concurso que a «Stadium» promoveu entre os seus leitores. E dão-se os resultados dos cupões n.ºs 15 e 16, que foram os seguintes:

N.º 15 — Contemplados com o 2.º prémio, de MIL ESCUDOS, TRÊS (3) concorrentes, os srs. Américo Dias Ferreira da Silva, de Sintra; Joaquim Nunes Migueis, do Rossio ao Sul do Tejo; e Eleutério Soares de Pinho, de Lisboa. Com o prémio de 500\$ foram contemplados QUATROCENTOS E OITENTA E DOIS (482) concorrentes. Marcaram o «GOAL DA VITÓRIA»: José Pedro, do Belenenses; Mourão, do Sporting; Lemos, da Associação Académica; e Vieira (José Luiz), do Unidos do Barreiro.

N.º 16 — DOIS (2) concorrentes contemplados com o prémio de 1.000\$ os srs. J. Hilário Reis, de Alcantara (Algarve) e Mário Viegas, de Lisboa. O 3.º prémio, de QUINHENTOS ESCUDOS, é repartido por DUZENTOS E QUARENTA E OITO (248) concorrentes. Marcadores: Cruz, do Sporting; Baptista, do Unidos; Valadas, do Benfica; e Moreira, do Olhanense.

Pede-se aos jogadores que marcaram o «GOAL DA VITÓRIA» e ainda não tenham levantado os seus prémios, que o façam com a possível brevidade, a-fim-de arrumarmos as nossas contas.

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)

BOLETIM N.º 18

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
18.ª JORNADA

BELENENSES — LEIXÕES

UNIDOS — OLHANENSE

F. C. PORTO — VITÓRIA

ACADÉMICA — BENFICA

UNIDOS (do Barreiro) — SPORTING

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º), imprimeiramente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

GIL MOREIRA

O CAMPEONATO NACIONAL DE FUNDO



Rebelo, Raposo e Aristides — os três primeiros



José Albuquerque e João Rebelo atravessam as Caldas da Rainha

João Rebelo, do G. D. "A Iluminante", conquista o título de campeão nacional de fundo e corta a meta saudando alegre a multidão de entusiastas...



Stadium